

O CONTRIBUTO DOS CIENTISTAS SOCIAIS AFRICANOS

José Negrão

Coimbra, 18 de Setembro de 2004

Quando Boaventura de Sousa Santos telefonou para Maputo a convidar-me para participar na sessão de encerramento, em representação dos participantes africanos neste Congresso, fiquei a pensar no que é que tínhamos em comum no domínio das ciências sociais. Por um lado, o que é que a tal centena de *PALOPeS* aqui presentes comunga entre si, e por outro o que é que a solidariza com a maioria brasileira e a identifica com a predominância portuguesa.

Falar na sessão de encerramento e, ainda por cima, ser a última intervenção, já por si é uma enorme responsabilidade, mais difícil é ainda quando o evento tem a dimensão que este teve. A riqueza das intervenções que foram proferidas e a multiplicidade de temas e de tópicos, demonstra quão vivas se encontram as ciências sociais entre os países que se comunicam em Língua Portuguesa. Penso que posso expressar a opinião unanime dos colegas dos três continentes aqui presentes ao dizer aos organizadores deste VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, parabéns, e a todos os colegas desta Universidade, muito obrigado pelo vosso caloroso acolhimento em terras coimbrãs.

Mas falar na sessão de encerramento é também reflectir sobre o que foi proposto ao longo do Congresso como agenda teórica e de pesquisa para os próximos anos e, no meu caso específico, sobre qual poderá ser o contributo Africano para as Ciências Sociais neste novo milénio. Por essa razão chamei a estas notas O Contributo dos Cientistas Sociais Africanos.

Na sessão de abertura citou-se Fernando Pessoa, *a minha pátria é a minha língua*, lembrou-se Samora Machel divagando sobre as rotas Indicas da Língua Portuguesa e, uma vez mais, se afirmou que o Português era o grande factor de aglutinação nos congressos luso-afro-brasileiros de ciências sociais. Nessa mesma sessão, Gilberto Gil, juntou-se ao Paulo Miquez, para falarem na inovação criativa da cultura, e Boaventura de Sousa Santos sugeriu a adopção da abordagem pós-colonial adequada aos espaços criados pelo colonialismo português.

Língua e espaços criados por um colonialismo o qual, conforme uma entrevista dada ao Jornal Primeiro de Janeiro a propósito deste Congresso, *foi muito diferente do colonialismo inglês ou francês. Os Portugueses sempre se misturam mais ... somos o único País colonizador em que, por vezes, adoptámos os hábitos indígenas, vivemos com os indígenas e, como se diz em África nos “cafrializamos”... obviamente que o mulato e a miscigenação de raças (o “colonialismo de cama”, como se costuma chamar) é uma criação deste espaço lusófono*. Em jeito de encerramento pergunto-me, será só isto o que temos em comum?

A especificidade não hegemónica do colonialismo português, do colonialismo produtor do mulato e da miscigenação das raças do Brasil a Angola e de Moçambique a S. Tomé, justificam por si a nossa produção teórica nas ciências sociais? Estamos hoje aqui todos juntos graças à virilidade *cafrializada* dos portugueses? Creio que não. Por certo que não foi só a disponibilidade sentimental portuguesa que nos traz hoje juntos, mas talvez, quiçá, os encantos e os saberes, como dizia Camões, *daquela cativa que me tem cativo*. Cativa ontem, mulher hoje, que se afirma em cada um dos nossos domínios, em cada um dos nossos países e em cada uma das nossas realidades geopolíticas neste novo milénio. Talvez seja esse um ponto comum em direcção à produção do conhecimento sobre a questão social.

Liga-nos também um passado com referências comuns, uma história interligada pelas dicotomias analíticas do descoberto e do descobridor, do indígena e do cidadão, do emancipado e do emancipador, mas também nos liga, e talvez isso seja o mais importante, o escravo angolano que se emancipou na sanzala brasileira, o deportado moçambicano que conheceu a Independência quando estava na roça de S. Tomé, o futebolista brasileiro que entrou na União Europeia através dos clubes portugueses e, por que não, citando Renato Lessa, as redes da *sociedade civil real* que interligam as gentes dos nossos espaços nas caravelas que cruzam os céus. Creio que é este passado que está presente nas construções sociais do nosso dia a dia que poderá ser o objecto da interacção entre a centena de africanos aqui presentes, a maioria de brasileiros e a predominância de portugueses.

Para que tal aconteça, porém, é necessário que saibamos identificar e respeitar as nossas diferenças sem tentar hegemonizar, ou ocidentalizar se assim o preferirem, os processos de produção do conhecimento.

A Língua é um factor de aglutinação na comunicação da nossa produção, mas ela não se pode constituir num denominador comum em matéria de filosofia das ciências sociais. Muitos dos que fazem parte dessa centena designada por *PALOPeS*, nem sequer se identificam com essa designação, como dizia Machado da Graça, nunca ouvimos alguém dizer – eu sou *palop*! da mesma maneira que nunca ouvimos um português dizer que é *PELOP* (país europeu de língua oficial portuguesa) ou um brasileiro a dizer que é *PLALOP* (país latino americano de língua oficial portuguesa).

Todavia, para os Cientistas Sociais Africanos aqui presentes com quem tive a oportunidade de falar, não se trata somente de uma questão de designação, trata-se, fundamentalmente, de uma estrutura de pensamento e, consequentemente, de produção de conhecimento que não assente, exclusivamente, na estrutura linguística conceptual do Português, muito embora seja através dessa língua que se expresse. A estrutura de pensamento de muitos de nós, quando não feita nas línguas maternas é por elas fortemente influenciada, o que, obviamente, tem implicações na forma como se produz conhecimento. São línguas cuja aprendizagem não passa pela cristalização da escrita e, portanto, transportam consigo uma dinâmica analítica que pertence ao mundo da retórica, ao universo das interacções dialécticas, à dimensão a-lógica (não confundir com ilógica) da construção das premissas antes da formulação das inferências do domínio do pensamento lógico-dedutivo.

No tempo colonial chamavam-se a estas línguas os dialectos cafreais, depreciativamente diziam que era o *landim* e aqueles que as falavam eram os *landins*. Esperemos que nesta época, apelidada de pós-colonial, não se mantenha o preconceito linguístico da inferioridade das línguas maternas africanas mas que se veja nessa diversidade um contributo inestimável para as formas de se produzir conhecimento. Não há só uma cultura para a língua Portuguesa, há várias culturas que se expressam em língua portuguesa. Não se trata de se substituir a língua portuguesa pelas línguas maternas ou de se procurar uma língua veicular neutra como o Kiswahili ou um *pigeon* como o Fanagalô, trata-se sim de ir buscar à estrutura de pensamento da nova geração dos cientistas sociais africanos os encantos e os saberes que deixaram Luís de Camões cativo.

Sou um tupi tangendo um alaúde...

Mário de Andrade

Sou um tupi tangendo um alaúde, dizia Mário de Andrade no seu poema, mergulhando o seu saber indígena num instrumento musical da idade média europeia, na procura criativa do novo. O novo é, sem dúvida, qualitativamente superior ao contra.

A academia caracteriza-se por constituir uma massa critica nas nossas sociedades africanas, a qual se apresenta indispensável neste momento de mudança institucional e política. Todavia a academia tem de ir além da critica, ela não se pode alhear da sua função criativa, pelo menos no caso dos países africanos onde se exige criatividade na identificação de modelos para o desenvolvimento económico, social e cultural, de mecanismos de combate às causas da pobreza e de formas que conduzam a uma distribuição justa e sustentável da riqueza nacional. O novo que se quer terá de ser bem mais do que o contra-hegemónico ou o pós-colonial, terá de trazer elementos que nos permitam ir além das realidades que foram determinadas pelos outros, terá de ser enriquecido pelo que fomos mas nunca em detrimento do que somos. Antes pelo contrário o novo deve trazer o contributo criativo do que cada africano, cada latino-americano e cada europeu tem de melhor.

Ao ler os textos produzidos pelos vários colegas africanos para as sessões temáticas, os painéis e grupos de discussão, verifiquei que o que há em comum entre os cientistas sociais moçambicanos é também o que há em comum entre a maioria dos colegas africanos aqui presentes.

Não temos tempo, nem esse é o propósito desta última apresentação do VIII Congresso de Ciências Sociais para passar em revista o que os colegas produziram, todavia, permitam-me destacar três áreas onde identifiquei alguns pontos que podem constituir o contributo dos cientistas sociais africanos para os próximos tempos, a saber, a área do conhecimento, a esfera da acção sócio-política e no domínio da construção de um novo paradigma.

Na área do conhecimento, sinto que o nosso percurso para a reinvenção da emancipação há muito que deixou de ser motivado pelo adversário. Talvez porque a nossa geração teve a oportunidade de viver duas grandes mudanças, a Independência e a neo-liberalização, onde as escalas de valores sociais foram invertidas e revertidas, o ser contra deixou de ter significado. Preocupamo-nos mais em criar o novo do que estar no contra.

Há conhecimentos alternativos que podem ser identificados nos vários textos, por exemplo em matéria de Estado, os vários autores mostram que apesar da matriz exógena do Estado Moderno há heterogeneidades que permitiram a abertura de espaços para o surgimento de novos conhecimentos, para o estabelecimento de relações analógicas onde os saberes formais integram o conhecimento popular e os saberes locais adquirem a roupagem do saber solidário.

As intervenções e os textos apresentados são um exemplo claro da recusa da hegemonização ocidental veiculada pela globalização, por parte dos cientistas sociais africanos. Mas vão ainda mais longe, e talvez mais significativo, eles mostram-nos que o novo conhecimento não surge somente por oposição à hegemonização.

Por exemplo, nenhum dos colegas estabelece uma relação inversa entre os vários saberes, nem sequer os afirma como rivais, embora demonstrem que existem tensões sendo algumas graves, outras contraditórias e outras ainda de confrontação. Os novos conhecimentos produzidos nos vários textos que tive a oportunidade de ler reflectem um fio condutor da análise onde, como dizia Capra, as relações analógicas predominam sobre as relações inversas em direcção à inovação.

A inovação epistemológica começa a estar presente na produção das ciências sociais nos vários países africanos, através da aceitação de rupturas no rigor Cartesiano e da inclusão da possibilidade de mudança na elegância dos modelos Newtonianos. Talvez por os nossos países serem países com drásticas mudanças em muito pouco tempo, tornou-se “natural” para os cientistas sociais preocuparem-se mais em compreender a mudança e em inclui-la como variável normativa, do que em interpretar a estrutura e tentar encaixar o “mundo real” em matrizes onde as relações tenham de ser, compulsivamente, dicotómicas ou *tricotómicas*. Por essa razão creio que aquilo que hoje surge como formas de hibridação, talvez derivadas da grande heterogeneidade, se venha a transformar no novo com capacidade para se auto-reproduzir. Assim o espero, pelo menos, pois um conhecimento híbrido, por definição, não se reproduz, enquanto que o novo pode constituir um contributo para a construção de um paradigma não exclusivista, “carrasco” e manipulador dos conhecimentos.

Também na esfera da acção sócio-política os textos demonstram eloquentemente que nem sempre a motivação reside na oposição. As práticas sociais locais descritas pelos vários autores nem sempre se desenvolveram no quadro dicotómico do local versus global, do tradicional versus moderno, do cooperativista versus proletário ou do conhecimento legitimado versus conhecimento rival. Denota-

se a existência de uma dinâmica própria, obviamente condicionada pelas várias conjunturas externas, que não tem na contra-hegemonização a sua força impulsionadora ou a sua razão de ser. Os resultados desta acção acabam sim por se denotar contra-hegemónicos por a sua própria existência e capacidade de mudança assim o demonstrarem.

Embora a contra-hegemonização possa servir de estímulo para a acção, ela afirma-se “rebelde” só quando produz resultados, mas move-se “emancipada” no conjunto das relações sociais a que Pierre Bourdieu e James Coleman apelidaram de capital social. Capital social que, ao não ser apropriável nem divisível (ao contrário dos outros capitais) se demonstra tanto mais rico quanto maior for o espaço que os quadros institucionais o permitirem. A coexistência das diferentes culturas político-jurídicas, por exemplo, embora aumentem a complexidade social, permitem que não se estabeleça a dependência de um padrão hegemónico ao nível nacional em cada um dos países.

Obviamente que este capital social assenta em redes sociais onde as relações de poder internas não são pacíficas e muito menos estáveis. Contudo, a inexistência de um padrão de dependência com características hegemónicas, permite que o número de *brokers* do capital social seja maior do que aquele que se encontra numa sociedade hegemónica ou no discurso neo-liberal sobre a globalização.

Está explícito nos vários textos, que não se trata de acções que eliminem outras, mas da construção de novas acções que se baseiam na interacção das existentes. Desta forma surge a incorporação ou a “postura integradora” de várias formas de acção a sobrepor-se à afirmação da diferença. As “sociedades miscigenadas” que se vão construindo, contêm um carácter holístico que só se tornou possível alcançar pelos espaços para a mudança que as redes sociais foram permitindo.

Ao analisarem-se os textos e as intervenções, aqui apresentadas pelos colegas africanos, na óptica da construção de um novo paradigma, constata-se que se está em plena transição paradigmática que faz abanar a hegemonia dos fundamentos da filosofia da ciência *moderna* Ocidental. Desde já se podem identificar algumas das características de um novo paradigma.

Um novo paradigma:

- (i) que reconhece as relações analógicas e não somente as inversas;
- (ii) que permite a interacção retroactiva e não somente a linear relação causal;
- (iii) que impulsiona o exercício da cidadania e não somente a afirmação da individualidade;
- (iv) que trabalha com inferências múltiplas e não somente com uma única inferência possível;

- (v) que molda os desequilíbrios da complexidade e não somente se baseia na hipotética “tesoura marshalliana”;
- (vi) que faz uso do raciocínio “a-lógico” na formulação das hipóteses e não somente do pensamento logico-dedutivo.

Esta última característica, a do uso do raciocínio “a-lógico”, enquanto raciocínio teórico que lida com a construção das premissas, dos critérios adoptados para a selecção, dos métodos seguidos para a recolha, das relações entre eventos e das maneiras de abstracção, constitui uma das principais características na produção das ciências sociais dos colegas africanos.

A detalhada pormenorização dos acontecimentos, tão comum entre os africanos, e a criteriosa selecção dos factos e a inter-penetração das variáveis tidas em consideração, são indispensáveis para a formulação de premissas que correspondam às realidades nacionais. Digo-vos que a maior parte dos erros cometidos pelo Banco Mundial nos últimos vinte anos no Continente Africano, deriva, precisamente, do facto de as premissas terem sido mal formuladas, como foi o famoso caso do encerramento da indústria do caju em Moçambique. Creio que é na riqueza da retórica Africana que os cientistas sociais que se expressam em língua portuguesa podem encontrar um contributo válido para a construção de um novo paradigma e suas metodologias.

A produção de novos conhecimentos, a passagem da barreira da afirmação pela negação, a incorporação da mudança, a prática “emancipada” para o crescimento do capital social e a inclusão do pensamento “a-lógico” na produção científica, foram os elementos essenciais que identifiquei como contributo dos cientistas sociais africanos aqui presentes. Certamente que haverá outros mais de que não me apercebi. Haverá outros mais ainda nos escritos de outros colegas que não estão presentes e que, igualmente, contribuem para uma caracterização da produção das ciências sociais entre os africanos.

A diversidade vai ocupando o espaço da hegemonia e o novo vai tomando o lugar do contra. É isto pois, que temos em comum com a maioria brasileira e com a predominância portuguesa nestes congressos luso-afro-brasileiros das ciências sociais.

A todos muito obrigado.

**Intervenção na Sessão de Encerramento do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências
Sociais**